

Cláudio Manuel da Costa e dualidades na poesia árcade: um poeta barroco português ou um romântico brasileiro?

Cláudia Garibotti Bechler¹

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de discutir como Cláudio Manuel da Costa apresentou, em sua poesia árcade, traços que se relacionam também ao Barroco - que sua estética buscava combater - e ao Pré-Romantismo - que serviu de base à corrente literária que o sucedeu. O espaço geográfico que o autor celebra fica dividido entre Portugal e Brasil, e são essas dualidades que se pretendem mostrar, tendo como base *Obras poéticas*, de 1768.

Palavras-chave: Liberdade; Sensações; O instante; Pensamento; Ausência.

O Arcadismo no Brasil nasceu com a publicação de *Obras poéticas*, de Cláudio Manuel da Costa, apontado a partir de então como precursor da estética que vigorará entre os membros da Escola Mineira até 1836. Como poeta pioneiro, é natural que em sua poesia se encontre o esboço de um modelo que será seguido por seus contemporâneos, e como todo esboço, esse também não é definitivo e acabado. Segundo Proença Filho (1996, pg. XII), o Arcadismo dos poetas desse período

[...] se trata de um arcadismo peculiar, sem o rigor que caracteriza o movimento em outras paragens: a poesia que realizam traz também marcas do rococó e pré-romantismo, matiza-se de dimensões nativistas, de sentimentalismos e revela momentos de inspiração para além da camisa-de-força dos modelos literários neoclássicos.

Ciente das mudanças que podem acontecer no mundo e nas pessoas, tão sensível era seu caráter, “o Poeta foi permanentemente um (re) leitor de sua obra, a ela voltando sempre para fazer reparos, acréscimos, justificativas, correções de rumos.” (AGUIAR, 1996, p. 27).

Nesse sentido, um olhar mais atento à obra do autor pode revelar que alguns de seus poemas transitam, de certa forma, ainda pela Escola Literária anterior, o Barroco - embora a estética que defenda seja contra o rebuscamento contido no conceptismo de

Vieira ou no cultismo de Gregório de Matos - e também apresenta, em alguns momentos, um sentimentalismo e negatividade que anunciam um Pré-Romantismo latente. Para Moisés (1985, p.256), a obra de Cláudio Manuel da Costa destacou-se não só pelo alto nível lírico de seus versos, mas também pelos “vestígios barrocos na sua poesia, as vinculações dela com o Quinhentismo português, expressas na acentuada dicção lusitana”.

Também chama a atenção a forma como o poeta coloca-se geograficamente no mundo, oscilando seus versos ora para exaltar as paisagens portuguesas, onde passou alguns anos de sua vida e onde se iniciou no ofício de ser poeta, ora para falar das paisagens brasileiras e das Minas Gerais, seu berço e local onde teve uma intensa vida social e política, que terminou de maneira trágica, assim como a Inconfidência Mineira, da qual foi um dos simpatizantes mais ilustres. Tal dualidade fez com que Antônio Cândido (1981, p.318) afirmasse que o poeta revelava uma “oscilação moral entre duas terras e dois níveis de cultura” e, para Alfredo Bosi (1978, p. 71), a sua literatura era marcada pela “oscilação que sofria o escritor entre o prestígio da Arcádia e as suas montanhas mineiras”.

Os vestígios do Barroco na obra de Cláudio Manuel da Costa foram por ele mesmo apontados no prólogo de *Obras poéticas*, e pelo uso de artifícios de “gosto menor” ele pede desculpas ao leitor

mas, temendo ainda que neste me condene o muito uso das metáforas, bastará, para te satisfazer, o lembrar-te que a maior parte destas Obras foram compostas ou em Coimbra, ou pouco depois, nos meus primeiros anos, tempo em que Portugal apenas principiava a melhorar de gosto nas belas letras.

Essa presença de “resíduos gongóricos” (MOISÉS, 1985, p.256) pode ser explicada pelo fato de Cláudio ter iniciado sua trajetória ao fim da fase anterior e, como ele mesmo atesta em sua carta ao leitor, por seu contato tardio com a clareza e racionalidade exaltadas pelos poetas árcades.

No soneto II de *Obras* podemos identificar o uso da metáfora e do hipérbato, figuras de linguagem clássicas do rebuscamento dos poetas anteriores ao século XVIII.

Veja-se, nos segundo e terceiro versos da primeira estrofe, a inversão da ordem dos elementos e, no quarto verso, o uso da expressão “sono vil” para referir-se à morte:

Leia a posteridade, ó pátrio Rio,
Em meus versos teu nome celebrado,
Porque vejas uma hora despertado
O sono vil do esquecimento frio:

Ao final deste mesmo soneto há a expressão “Planeta louro”, que relaciona o brilho do ouro aos raios de sol, de forma a estabelecer reciprocidade entre estes dois elementos:

Que de seus raios o Planeta louro
Enriquecendo o influxo em tuas veias
Quanto em chamas fecunda, brota o ouro.

Outra característica Barroca pode ser percebida no soneto XXV, em que é realizado um processo no qual se reúnem no primeiro verso da última estrofe elementos que foram disseminados ao longo do poema:

Não de tigres as testas descarnadas,
Não de hircanos leões a pele dura,
Por sacrifício à tua formosura,
Aqui te deixo, ó Lise, penduradas:

Ânsias ardentes, lágrimas cansadas,
Com que meu rosto enfim se desfigura,
São, bela Ninfa, a vítima mais pura,
Que as tuas aras guardarão sagradas.

Outro as flores, e frutos, que te envia,
Corte nos montes, corte nas florestas,
Que eu rendo as mágoas, que por ti sentias:

Mas entre flores, frutos, peles, testas,
Para adornar o altar da tirania,
Que outra vítima queres mais do que estas?

Quanto à presença do Pré-Romantismo na obra de Cláudio Manuel da Costa, essa pode ser atestada pelo uso recorrente de epítetos caracteristicamente sombrios da

fase posterior ao Arcadismo, embora nem todos os críticos concordem em relação a isso. Para Bosi (1978), o uso reiterado dessas expressões melancólicas, assim como a busca da natureza como refúgio e consolo das dores de amor do poeta ou meio de reviver momentos passados e mais venturosos, não podem ser argumentos para alegar-se que já havia uma tendência romântica na produção desse poeta. Segundo Bosi, essas referências não eram uma novidade na poesia e o retorno explica-se da seguinte forma: “[C]om o surto da vida urbana a partir do século XVIII dá-se uma nova ênfase aos móveis terrenos, centrados no desejo da afirmação pessoal, que cresceria sem cessar na Idade Moderna” (1978,p.66).

As mudanças na forma de vida tornaram os sentimentos sobre o que o homem é/faz e o que ele deveria ser/fazer conflituosos e, para fugir desta contradição, Cláudio Manoel da Costa passa a tratar o amor de forma platônica, mantendo a distância o objeto amado.

O soneto XCVIII é um bom exemplo da contradição em que vive o poeta

Destes penhascos fez a natureza
O berço em que nasci: oh! Quem cuidara
Que entre penhas tão duras se criara
Uma alma terna, um peito sem dureza!

Amor, que vence os tigres, por empresa
Tomou logo render-me; ele declara
Contra o meu coração guerra tão rara,
Que não me foi bastante a fortaleza.

Por mais que eu mesmo conhecesse o dano,
A que dava ocasião minha brandura,
Nunca pude fugir ao cego engano:

Vós, que ostentais a condição mais dura,
Temei, penhas, temei, que Amor tirano,
Onde há mais resistência, mais se apura.

Aqui, o pastor lamenta-se por não ter uma alma mais dura que os penhascos, pois permitiu a chegada do amor pela sua fraqueza (“não me foi bastante a fortaleza”). Ao final, ele afirma que gostaria de poder evitar o sentimento; no entanto, “onde há mais resistência” é que o amor se instala. Ou seja, fugir ao sentimento é impossível, pois

evitá-lo acaba por fortalecê-lo.

No soneto XCIX também percebemos que aquelas paisagens ensolaradas, tipicamente árcades, dão lugar a um visual que vai, aos poucos, se tornando escuro e melancólico

Parece, ou eu me engano, que esta fonte
De repente o licor deixou turvado;
O Céu, que estava limpo e azulado,
Se vai escurecendo no horizonte:

Porque não haja horror, que não aponte
O agouro funestíssimo, e pesado,
Até de susto já não pasta o gado,
Nem uma voz se escuta em todo o monte.

Um raio de improviso na celeste
Região rebentou: um branco lírio
Da cor das violetas se reveste;

Será delírio! Não, não é delírio.
Que é isto, Pastor meu? Que anúncio é este?
Morreu Nise (ai de mim!), tudo é martírio.

E a morte da musa não só atinge o poeta, mas também toda a Natureza.

Coutinho (1986, p.224) afirma que a poesia de Cláudio Manuel da Costa “[...] escapa [...] a uma classificação rigorosa de Arcadismo: aproxima-se, antes, do Quinhentismo, distinguindo-se dele apenas pela maior ênfase dada à expressão subjetiva”.

Moisés (1985) concorda com esta visão. Para ele, essa internalização e até uma parcela do “eu” divisada em alguns dos sonetos do precursor do Arcadismo no Brasil

[A]ponta um rasgo quinhentista e , ao mesmo tempo, preludia o Romantismo: o “eu” fletido para dentro de si anuncia os poetas do século XIX, com a diferença que em Cláudio Manuel da Costa a Razão universal ainda preside a sondagem do “eu”. (p. 261)

O crítico também destaca que, nesse aspecto, a poesia de Cláudio Manuel da Costa parece seguir uma “sequência histórica, em razão de o estado moral do poeta ir num crescendo de poema a poema” (MOISÉS, 1985, p.261), e que, a cada vez que

mergulhava em um deles, a dor expressa não era mais a mesma que anteriormente o poeta sentia. A partir disso, geram-se outros sonetos, numa constante mudança de estado de espírito, que se reflete em muitas passagens de sua obra. No soneto VI, a perplexidade diante da mudança do mundo exterior, fruto de uma transformação interior, evidencia esta constante:

Onde estou? Este sítio desconheço:
Quem fez tão diferente aquele prado?
Tudo outra natureza tem tomado.
E em contemplá-lo, tímido, esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado;
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!

Árvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.

Eu me engano: a região esta não era;
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!

Outro ponto em que a obra de Cláudio Manuel da Costa foi controversa, e de certa forma o poema anterior também evidencia, tem a ver com a exaltação das paisagens lusitanas em detrimento da natureza brasileira em seus sonetos. Para Coutinho (1986, p. 224), “as saudades de Portugal, do Tejo, do Mondego, são motivos de queixas frequentes, e na comparação da paisagem brasileira com a portuguesa, a primeira não sai favorecida”.

O próprio autor, no prólogo ao leitor (*Obras poéticas*, 1768), descreve de forma pouco lisonjeira as paisagens onde passou a escrever seus versos após ter voltado à Terra natal, vindo da Europa:

Não são estas as venturosas praias da Arcádia, onde o som das águas inspirava a harmonia dos versos. Turva, e feia, a corrente destes ribeiros, primeiro que arrebate as ideias de um Poeta, deixa ponderar ambiciosa fadiga de minerar a terra, que lhes tem pervertido as cores.

A desolação que o poeta demonstra ao ter que usar da paisagem brasileira para escrever seus sonetos foi descrita por João Ribeiro em sua *Carta ao Sr. José Veríssimo sobre a Vida e as Obras do Poeta* com a seguinte frase: “Está como o soldado que de repente perdera as munições”.

João Ribeiro, escritor e crítico que buscou conhecer mais a fundo a vida e a obra de Cláudio Manuel da Costa, chegou à conclusão de que as recorrentes alusões à natureza lusitana são explicadas por ter sido a fase em que o autor viveu em Coimbra a mais feliz de sua vida e que, no retorno ao Brasil, o poeta teve dificuldade para se adaptar ao clima do país.

Em Coimbra viveu o poeta cinco anos, nas delícias de sociedade diferente da colonial, mais polida e cheia de outros ideais que não os das riquezas efêmeras ou súbitas. As saudades do Mondego, tantas vezes denunciadas e tão grandemente sentidas, habilitam-nos a julgá-lo. Não só Coimbra foi o melhor de sua vida, mas foi sua vida mesma. Não somente foi lá que poliu o seu estro na convivência das novas e múltiplas academias que surgiam inúmeras por toda a parte; mas também a verdade é que chegando aqui perdeu como que o equilíbrio da própria personalidade e a sua readaptação ao clima americano pareceu difícil e quase impossível. (p.7)

Ribeiro afirma que, na visão do poeta, o vocabulário nobre não se “ajeitava” à natureza do Brasil. Já segundo Moisés (1985, p.257), esse aspecto de sua poesia o tornou exemplo do paradoxo que marcou a evolução do Arcadismo mineiro e “o problema do contágio lusitano, e o reverso brasileiro, constitui o eixo em torno do que há de girar a interpretação e o julgamento da poesia de Cláudio Manuel da Costa”.

Em *Obras poéticas*, o soneto LXXVI pode ser um prenúncio da mudança de paisagem do poeta/pastor, em que podemos perceber claramente que ele se despede das ninfas do Mondego e do que elas representavam esteticamente em sua obra

Enfim te hei de deixar, doce corrente
Do claro, do suavíssimo Mondego,
Hei de deixar-te enfim, e um novo pego
Formará de meu pranto a cópia ardente.

De ti me apartarei; mas bem que ausente,
Desta lira será eterno emprego,
E quanto influxo hoje a dever-te chego,
Pagará de meu peito a voz cadente.

Das Ninfas, que na fresca, amena estância
Das tuas margens úmidas ouvia,
Eu terei sempre n'alma a consonância;

Desde o prazo funesto deste dia,
Serão fiscais eternos da minha ânsia
As memórias da tua companhia.

O uso das palavras “claro” e “suavíssimo” para falar do Mondego insinuam que lá havia uma beleza natural que o poeta não encontra mais desde o “funesto” dia em que passou a escrever seus sonetos longe de suas margens. O sentimento que esse lugar desperta permanece na promessa de que ele reverberará eternamente na memória do autor.

A alternativa encontrada para driblar o problema da ambientação dos sonetos em paisagem pouco propícia como a das Minas Gerais parece ter sido a de retomar as musas e paisagens clássicas da Antiguidade. Daí uma série de referências a elementos e personagens gregos e romanos. Cantar o amor às pastoras também foi uma constante, quase sempre deixando de lado a natureza para valorizar o sentimento amoroso, traço que reforça o que foi colocado no início deste trabalho, quando se avaliou a propensão Pré-Romântica da obra do poeta.

Se os poucos dias, que vivi contente,
Foram bastantes para o meu cuidado,
Que pode vir a um pobre desgraçado,
Que a ideia de seu mal não acrescente!

Aquele mesmo bem que me consente,
Talvez propício, meu tirano fado,
Esse mesmo me diz que o meu estado
Se há de mudar em outro diferente.

Leve pois a fortuna os seus favores;
Eu os desprezo já, porque é loucura
Comprar a tanto preço as minhas dores:

Se quer que me não queixe a sorte escura,
Ou saiba ser mais firme nos rigores,
Ou saiba se constante na brandura.

O Soneto XXXII, acima, exemplifica bem essa relação de distanciamento com a natureza e uma tendência a trazer o discurso para o nível sentimental e amoroso.

À parte dessa espécie de rejeição da brasilidade, Alfredo Bosi (1978, p. 71) observa que há, na lírica de Cláudio Manuel da Costa, uma recorrência à imagem da *pedra* como elemento local a ser trabalhado. Cabe lembrar aqui que as cidades mais importantes de Minas Gerais eram, naquela época, fonte de riqueza devido às pedras preciosas extraídas pela mineração. Talvez tenha sido esse o elemento regional que mais se destacou na obra do poeta, visto que não encontrou nos ribeiros de “cores pervertidas” (as águas ficavam avermelhadas em virtude do processo da mineração) a suavidade ou a clareza do Mondego, nem o bucolismo que lhe fora apresentado pelos poetas árcades que o inspiraram.

Em vista disto, Moisés (1985, p. 263) afirma que

Ainda que se tratasse de simples influxo recebido na adolescência, o certo é que sua poesia espelha mais a realidade portuguesa que a brasileira, não só em quantidade como em qualidade. Nos sonetos, além da sintaxe lusitana, o tom discursivo e a gravidade clássica à Camões, a saudade, - nota-se a total ausência de pormenores brasileiros.

E completa dizendo que “[p]or certo o portuguesismo é comum ao tempo e, de algum modo, permanecerá no século XIX, mas parece que em Cláudio Manuel da Costa o fenômeno se tornou mais agudo que em outros poetas árcades”. (MOISÉS, 1985, p.263)

Pelo exposto, podemos dizer que nas *Obras poéticas* de Cláudio Manuel da Costa, publicação que inaugurou o Arcadismo no Brasil, é perceptível a ocorrência de duas correntes literárias, o Barroco e o Pré-romantismo, permeando as características árcades de seus sonetos. No entanto, em vez de tirar o brilhantismo de seu trabalho, essa ocorrência reforça o gênio desse poeta, que se adaptou às novas escolas, bem como teve de adaptar-se ao Brasil após uma longa estada na Europa. A falta de manifestações

nativistas é descrita por Moisés (1985, p. 265) como natural “numa época em que os horizontes estéticos se colocavam longe no tempo e no espaço, recuando até a Grécia”.

A utilização de artifícios barrocos, fruto da convivência do poeta com os padres jesuítas em seus tempos de escola no Rio de Janeiro, demonstra que sua obra estava sempre em evolução, e por isso não é de se estranhar que tenha evoluído também para um sentimentalismo que encaminhou, posteriormente, o surgimento do Romantismo em nossas letras. Esse sentimentalismo pode ser explicado pelo fato de Cláudio Manuel da Costa ter, por algum tempo de sua vida, respirado os ares repletos de saudosismo dos portugueses, o que acabou por apurar o gosto pela “simplicidade do sentimento e a ingenuidade dos hábitos campestres” (AGUIAR, 1996, p.30).

Se o convívio com os padres jesuítas pode justificar a aproximação do poeta com a estética barroca, que mesmo no trabalho inaugural do Arcadismo no Brasil, *Obras poéticas*, deixou seus traços; a sentimentalidade, por vezes melancólica, saudosista e triste, tão próxima da identidade do povo português, pode explicar a predileção pelas paisagens de Coimbra, que tão bem inspiraram o pastor em seus sonetos, e a tendência pré-romântica de valorização das dores do “eu”. Nem por isso, o poeta deixou de falar das coisas da terra brasileira - porém em *Obras* esse traço parece ter ficado reduzido à menção de alguns poucos elementos: as pedras, os ribeirões, os penhascos. O mérito de Cláudio Manuel da Costa não está, no entanto, nesse ou naquele aspecto apontado (ou renegado) em sua lírica, mas sim na grandeza de seus sonetos, que Moisés (1985) considera dignos de comparação com os de Bocage. E, certamente, o poeta brasileiro, com alma portuguesa, ficaria muito orgulhoso da comparação.

Referências

AGUIAR, Melânia Silva de. **A trajetória poética de Cláudio Manuel da Costa**. In: PROENÇA FILHO, Domício (org.). *A poesia dos inconfidentes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 27-39.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 2ed. São Paulo: Cultrix, 1978.

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**. São Paulo: Martins, 1981.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF-Universidade Federal Fluminense, 1986.

PROENÇA FILHO, Domício (Org.). **A poesia dos inconfidentes**: poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1985.

RIBEIRO, João. **Cláudio Manuel da Costa**. In: PROENÇA FILHO, Domício (org.). **A poesia dos inconfidentes**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 5-26.